
MULHERES ALGICULTORAS: ESTRATÉGIAS INOVADORAS NA ALGINOCULTURA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL E SOCIAL

Women algiculturists: innovative strategies in alginoculture for local and social development

Paulo Torres Júnior

Administrador e Advogado. Mestre em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Professor Substituto da Universidade Estadual do Ceará. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Fundação Universidade Estadual do Ceará. ptorres.junior@uece.br

Ana Cristina Batista dos Santos

Administradora. Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Fundação Universidade Estadual do Ceará. ana.batista@uece.br

Nicole Stephanie Florentino de Sousa Carvalho

Economista. Mestra em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Campus do Pici. Centro de Ciências, Bloco 902, Anexo. 60.455-970, Fortaleza, CE, Brasil. nicolecarvalho@ufc.br

Antônio Jackson Alcantara Frota

Administrador. Doutor em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza. Pós-doutorado em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Centro de Ciências Agrárias, Departamento de Estudos Interdisciplinares. jacksonfrota2014@gmail.com

Raimundo Eduardo Silveira Fontenele

Economista. Doutor em Economia pela Université Sorbonne Paris-Nord. Professor Titular do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria. Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado e Executivo. eduardo@ufc.br

Resumo: O estudo se propõe a compreender a percepção de trabalhadoras da alginocultura sobre a relação entre o cultivo sustentável e o desenvolvimento local de comunidades pesqueiras. Tendo como suporte teórico uma literatura que apresenta possibilidades alternativas capazes de promover transformações sociais e econômicas por meio de intervenções sustentáveis, a pesquisa analisa como a implementação de inovações nos processos de manejo e benefício de algas marinhas vem provocando mudanças nos hábitos e na organização de uma comunidade pesqueira local, onde se evidenciam ações relacionadas com inovação social. Quanto ao método, a pesquisa se apresenta como descritiva e exploratória, pelo qual optou-se pela adoção de uma abordagem qualitativa, utilizando-se como técnica a análise temática de conteúdo para atender aos objetivos pretendidos. Como resultados, evidenciou-se que as intervenções promoveram transformações na organização coletiva da comunidade no que concerne às questões relacionadas à conscientização ambiental e ao papel socioeconômico das mulheres alginocultoras.

Palavras-chave: Inovação; Social; Alginocultura; Desenvolvimento; Economia.

Abstract: The study aims to understand the perception of workers in algaculture about the relationship between sustainable cultivation and the local development of fishing communities. It is supported by a theoretical framework that presents possibilities and alternatives capable of promoting social and economic transformations through sustainable interventions. The research analyzes how the implementation of innovations in the management and processing of seaweed is provoking changes in the habits and organization of a local fishing community,



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

where actions related to social innovation are evident. As for the method, the research is descriptive and exploratory, for which a qualitative approach was chosen, using thematic content analysis as a technique to achieve the intended objectives. The results showed that the interventions promoted transformations in the collective organization of the community regarding issues related to environmental awareness and the socio-economic role of women in algaculture.

Keywords: Social; Innovation; Alginoculture; Economy; Development.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os desafios globais atuais, a busca por soluções efetivas para as desigualdades socioeconômicas destaca-se como um dos mais relevantes. A necessidade de um desenvolvimento social inclusivo e sustentável aponta para uma nova governança política, priorizando a satisfação das necessidades básicas humanas e ações que promovam avanços na qualidade de vida de grupos sociais, especialmente em comunidades vulneráveis.

É nesse cenário que a inovação social (IS) aparece como uma nova forma de olhar para o desenvolvimento econômico e social e que vem sendo objeto de crescente número de estudos que a apontam como importante fator na promoção de novas dinâmicas, em que é observada a construção de alianças que buscam unir o crescimento econômico a fatores sustentáveis no uso dos recursos naturais (Niamir et al., 2024; Wistveen et al., 2024; Domanski et al., 2019). Tal processo evidencia-se, dentre outros motivos, devido ao envolvimento de atores na aplicação do conhecimento às necessidades sociais mais emergentes, tornando a IS uma alternativa capaz de transformar realidades e promover mudanças para o bem-estar geral, desatrelando-se de uma lógica unicamente produtivista.

Contudo, apesar da evolução em suas pesquisas, no que se refere às IS observa-se uma carência nos estudos que focam na investigação de ações que promovem o desenvolvimento de processos relacionados às atividades marinhas. Referidas atividades, por sua vez, representam 5% do PIB mundial (Tirumala; Tiwari, 2020) e, atreladas a um novo conceito de economia, firmadas em preceitos de sustentabilidade no uso dos recursos marinhos, hoje encontram remanso no que a literatura vem nomeando de Blue Economy (Câmara et al., 2023; Seisdodos; Carrasco, 2020), apresentando-se como fortes indicadores para geração de políticas públicas.

Nesse sentido, visando reduzir a lacuna presente sobre a temática, este trabalho relata os resultados de uma pesquisa sobre a percepção de trabalhadoras da alginocultura em relação ao cultivo sustentável e desenvolvimento local em uma comunidade pesqueira no Nordeste do Brasil. Em Icapuí/CE, o Projeto Mulheres de Corpo e Alga exemplifica uma iniciativa de alginocultura comunitária, liderada por mulheres, que promove ação econômica e transformadora, alavancando o bem-estar da população e preservando o ambiente local, apresentando-se por meio de uma dinâmica transformadora em que se associam elementos culturais, sociais, econômicos e ambientais.

Sob uma abordagem qualitativa, a pesquisa objetivou caracterizar o processo da alginocultura em uma comunidade e identificar as percepções das mulheres envolvidas sobre a relação entre cultivo sustentável e desenvolvimento local. A relevância do estudo reside na contribuição teórica sobre a temática, apresentando evidências sobre como o desenvolvimento de atividades que privilegiem saberes e culturas locais proporcionam oportunidades para a melhoria da qualidade de vida, além da sistematização de redes informais de organização, cooperação e eficiência entre os atores decorrentes dessas práticas.

Este artigo está estruturado em cinco seções, iniciando-se com esta introdução. Em seguida, são apresentados os fundamentos teóricos da pesquisa, os procedimentos metodológicos, a análise e discussão dos resultados e, por fim, as considerações gerais dos autores.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Embora seja atribuída a Schumpeter a origem do conceito de inovação, segundo sua teoria do desenvolvimento econômico e destruição criadora (1961), as compreensões sobre o significado do que seria inovação, ao longo dos anos, proliferaram a partir de definições que ampliavam ou restringiam o seu conceito (Bell; Pavitt, 1993; 1995; Chesbrough, 2003; Bell; Figueiredo, 2012).

Nesse sentido, vários são os autores que a definem a partir da ideia do “novo” e do eficiente. Sob essa lógica, Tigre (2006) entende que a inovação ocorre com a prática da invenção, que diz respeito à criação de um processo, técnica ou produto inédito. Já para Grilo e Moreira (2022), inovação refere-se a mudanças, sejam nos produtos, nos processos, nos paradigmas ou na posição.

O Manual de Oslo (OCDE, 1997) traz uma definição para inovação a partir do seu grau de novidade, podendo ser considerada mínima, intermediária ou máxima. No Brasil, a Lei da Inovação nº 10.973/04 reconhece inovação como a introdução de uma novidade ou um aperfeiçoamento nos ambientes produtivo ou social, que resulte em novos produtos, processos ou serviços.

Ocorre que, embora o conceito de inovação ainda seja associado, com mais frequência, às esferas tecnológica e organizacional, caracterizadas, principalmente, pela geração de valor econômico para o mercado (Carajaiba-Santana, 2013; André, Abreu, 2006), a inovação também pode ser concebida a partir de elementos não materiais (Neumeier, 2012), cujo valor não está diretamente atrelado ao mercado, conforme tratado a seguir.

2.1 Inovação social

As oportunidades de inovação (seja num contexto tecnológico, produtivo ou social), segundo Grilo e Moreira (2022), aparecem quando repensamos a forma como olhamos para algo, quebrando paradigmas existentes a partir de novas ideias e concepções. Nesse sentido, buscar soluções para os problemas perversos (Lönngren; Van Poeck, 2021; Andrew; Klein, 2010) ou questões sociais de exclusão, alienação, privação de direitos e acesso ao bem-estar de uma sociedade, está relacionado à implementação de ações que contribuem para um avanço positivo na qualidade de vida de um grupo social (Schröer, 2021; Jalonen, 2021; Moulaert et al., 2013), especialmente no contexto de comunidades vulneráveis que demandam por iniciativas capazes de induzi-las ao desenvolvimento local (Schröer, 2021; Novikova et al., 2020; Kronemberger, 2019).

A esse tipo de inovação dá-se nome de inovação social, pois relaciona-se com a ideia de promoção de mudanças sociais que visem à satisfação das necessidades humanas, buscando contemplar carências até então não supridas pelos atuais sistemas públicos ou organizacionais privados (Monteiro, 2019); apresentando-se, dessa forma, como relevante, de amplo impacto e duradoura, ao passo que altera a rotina básica, os recursos, os fluxos de autoridade e as crenças do sistema social no qual a inovação acontece.

Nesse modelo de inovação, não se exclui a existência de relações de mercado, porém, prima-se pelo atendimento das necessidades sociais e não apenas o desenvolvimento do capital mercantil. Sob essa razão, as inovações sociais funcionariam como mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções de um grupo de pessoas, unidas em rede, e que as levam a novas e melhores alternativas de ação colaborativa (Schröer, 2021; Novikova et al., 2020; Kronemberger, 2019; Neumeier, 2012).

Para Rollin e Vicent (2007), as inovações sociais buscam atender às demandas de grupos sociais que, muitas vezes, encontram-se à margem da sociedade, melhorando práticas sociais e organizacionais que aumentem o bem-estar geral da sociedade, não só para os detentores de capital. A inovação social também pode ser entendida como novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam relações ou colaborações sociais,

sendo, ao mesmo tempo, boas para a sociedade e a capacitando (Schröer, 2021; Novikova et al., 2020; Murray et al., 2010).

Bignetti (2011) define inovação social como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral. Para Cajaiba-Santana (2013), as inovações sociais manifestam-se em mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções, que resultam em novas práticas sociais, tornando evidente que o sentido da inovação social não é um problema social a ser resolvido, mas a mudança que a resolução do problema proporciona.

Logo, diante da transdisciplinaridade observada a partir dos conceitos imputados à inovação social, referida temática pode ser compreendida como um caminho interdisciplinar de investigação em que é possível estabelecer uma relação com as várias formas de capital nas quais o meio social transformado está inserido (Schröer, 2021; Novikova et al., 2020; Moulaert et al., 2013), perpassando por inúmeros saberes que a complementam, como a economia, administração, políticas públicas, sociologia, psicologia, etc., e possibilitando uma perscrutação profunda sobre suas especificidades.

2.2 O Desenvolvimento local e a construção de valores para o processo de inovação social

Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento local se manifesta a partir das mudanças ocorridas na sociedade em que se apresenta tal fenômeno, algumas vezes com a quebra de paradigmas sociais e a criação de novas alternativas, pode-se inferir que o desenvolvimento local é mais penoso a ser visualizado em um contexto socialmente inovador (Kronemberger, 2019).

Isso se deve porque, como o propósito das inovações sociais se voltam a atender as necessidades sociais, o desenvolvimento local acaba se tornando uma consequência possível, reforçando mecanismos que possibilitem novos olhares para as demandas da sociedade e criação de alternativas que possam diminuir as lacunas sociais.

O Nordeste brasileiro historicamente carrega consigo a imagem de área economicamente deprimida, caracterizada por possuir uma infraestrutura econômica e social básica precária, elevados índices de pobreza, subempregos, fortes desequilíbrios socioeconômicos e tendo suas atividades produtivas qualificadas pela baixa intensidade tecnológica.

Contudo, apesar de todas as particularidades geográficas, políticas e econômicas da região, o Nordeste brasileiro nunca foi uma área improdutiva e, dentre os inúmeros atrativos que favorecem a economia nordestina, tem-se no seu litoral uma fonte inestimável de recursos que possibilitam geração de renda e que são potenciais para a promoção de um desenvolvimento tido por *azul*, aliados aos princípios e metas firmados no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 14 (ONU, 2020), que estabeleceu ações para a utilização sustentável dos oceanos e mares, ao qual a comunidade internacional conceituou como economia azul (Michel, 2016; Silver et al., 2015).

O Brasil, por sua vez, dentre inúmeros outros recursos ligados à economia do mar, tem forte potencial no processo de tratamento do cultivo de algas encontradas no Nordeste. A coleta de algas vermelhas dos gêneros *Gracilaria* e *Hypnea* na costa nordestina, em particular no trecho que se estende do estado do Ceará até a Paraíba (Vidoti; Rollemberg, 2004), vem sendo explorada, para fins comerciais, desde a década de 1960 (Oliveira et al., 2002), tendo como destino, em sua maior expressão, o mercado internacional.

Daí que a perspectiva de um desenvolvimento local encontra no território e nos significados dados a ele pelos seus habitantes o elemento central de sua manifestação e potencialidades (Haesbaert, 2009), eis que tais fatores acabam por viabilizar a construção coletiva de melhorias a partir

das próprias comunidades, por meio de ações que caracterizam valores significativos para todos os envolvidos nessa construção.

Vale frisar que referido desenvolvimento aqui observado não se refere unicamente a promover o crescimento local, mas à internalização de estratégias (Barter, Russel, 2012), agregando, assim, novos recursos para permitir o crescimento econômico e a prosperidade compartilhada por todos. Trata-se, portanto, de um processo duradouro, que emana da sociedade, resultante da mobilização dos atores sociais preocupados com aspectos econômicos, sociais, ambientais, políticos e culturais (Kronemberger, 2019).

2.3 O papel do feminino no processo de desenvolvimento sustentável

O papel da mulher na construção do tecido social não pode ser adstrito a uma pequena participação da dinâmica econômica na qual ela está inserida. O feminino pertence a uma categoria plural que se amolda constantemente (Moore, 2000) e que influencia todo um ecossistema de interações sociais, econômicas, culturais, políticas e ambientais. Para além de uma postura voltada a resultados, a mulher trabalha espaços através do cuidado e da preocupação, em que se exige o reconhecimento e a valorização do ser, em contraposição do ter, apenas (Zoboli, 2004).

Nesse contexto, posturas como o ecofeminismo, difundido com mais força a partir da ECO 92, vêm sendo abordadas com o propósito de integrar uma nova perspectiva na gestão ambiental a partir da junção da questão gênero com elementos de sustentabilidade (Castro; Abramovay, 2005), demarcando um processo de reconhecimento pela luta pelos direitos das mulheres e pela proteção ambiental, ressaltando o espaço que elas ocupam dentro de uma estrutura social, hierárquica e patriarcal (Leff, 2012).

A protagonização de mulheres sob uma ótica empreendedora, e dentro de um espaço predominantemente ocupado por homens, que envolve novas práticas (Schatzki, 2002; 2019), gera novas relações organizacionais teleológicas que estão vinculadas a um bem maior, à coletividade, e não apenas ao benefício econômico individual. No que se refere aos Estudos Organizacionais, referido fenômeno social se enquadra perfeitamente ao contexto aqui indicado, eis que, segundo Schatzki (2006), é composto por diferentes nós que relacionam práticas e arranjos materiais e que, por sua vez, se conectam com um universo de outras organizações, formando redes de atores conectados em prol de um objetivo comum (Castells; Cardoso, 2005).

Essa visão de produção vai de encontro, portanto, ao que se configura como a lógica de Antropoceno (Haraway, 2016), que se baseia numa visão individualista, utilitária e burocrática, porque exige o reconhecimento da natureza como parte integrante do universo que se encontra sendo, pois, necessária a delimitação de atividades extrativas abusivas e a reconfiguração de consciência coletiva, em que valores outros se sobrepõem como alternativas ao gerenciamento ambiental.

3 METODOLOGIA

A pesquisa, assim constituída, apresenta-se essencialmente como descritiva e exploratória (Gil, 2022), eis que demanda pelo aprimoramento de ideias sobre a compreensão da realidade sobre o Projeto Mulheres de Corpo e Alga, que desenvolve atividades de alginocultura comunitária em Icapuí/CE. É descritiva porque visa analisar a exposição detalhada dos fatos e fenômenos decorrentes da atividade de alginocultura desempenhada pelas mulheres da comunidade, considerando seu contexto político, social e econômico (Oliveira, 2010). Caracteriza-se também como exploratória porque “objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos” (Oliveira, 2010, p. 65).

Tendo como objeto de estudo as percepções femininas sobre a relação entre cultivo sustentável de algas e o desenvolvimento local, o campo de investigação circunscreveu-se a uma comuni-

dade alginocultora de Icapuí/CE, situada na praia da Barrinha, que compõe o Projeto Mulheres de Corpo e Alga.

É nesse espaço geográfico, delimitado pelo território compreendido pela comunidade e onde são verificadas como as atividades são implementadas, que se busca caracterizar o processo de adoção da alginocultura com bases sustentáveis na comunidade, bem como identificar as percepções das mulheres envolvidas na alginocultura sobre a relação entre o cultivo sustentável e o desenvolvimento local, sendo, portanto, um trabalho qualitativo por natureza. Isso porque o trabalho qualitativo permite uma descrição mais apurada e exaustiva da realidade social, caracterizando-se por “fornecer uma compreensão mais profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística das contas dos fenômenos complexos” (Haguette, 2007, p. 63).

No que concerne à coleta dos dados, primou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com quatro atores envolvidos diretamente com o processo inovador local: duas moradoras nativas que trabalham no projeto, um pescador que ajuda na colheita das algas e a diretora executiva da OSCIP que auxiliou o nascimento do projeto. Como trata-se de uma comunidade vulnerável de pescadores, em decorrência da Covid-19 o acesso ao local foi restringido, tendo sido realizadas poucas visitas ao local (oportunidades em que se procedeu com o registro em diário de bordo por meio de observação). As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma Google Meet. Além disso, foram analisados dados documentais obtidos em pesquisas bibliográficas, em que se incluem dissertações, artigos, livros e reportagens relacionadas com o tema apresentado.

Importante salientar que para a coleta dos dados primários optou-se pela amostragem não probabilística, por conveniência, intencional, e que, apesar de se ter utilizado como técnica a entrevista semiestruturada, os entrevistados tiveram total liberdade para apontar direcionamentos que considerassem relevantes para a abordagem do assunto para que assim pudessem expressar espontaneamente suas ideias e opiniões quanto ao tema direcionado (Lakatos; Marconi, 2019), tendo permitido a sua livre utilização no presente estudo.

Quanto à análise dos referidos dados, utilizou-se a técnica de análise temática de conteúdo (Bardin, 2010) para compreensão e categorização dos dados emergentes das entrevistas e análise contextual das demais fontes. Como ferramenta técnica de apoio no processo de codificação e categorização da entrevista, foi utilizado o software Atlas.ti 8.4.25®, por se tratar de um software voltado para análise qualitativa de dados. Apoiado na técnica de análise de conteúdo, que consiste no desmembramento do texto em categorias agrupadas analogicamente, a fim de que seja possível levantar informações sobre valores, opiniões, atitudes e crenças, por meio de dados qualitativos (Bardin, 2010), procedeu-se com a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação, a partir das categorias iniciais, intermediárias e finais, a fim de que fosse possível operar sua correlação com outros dados obtidos.

O processo de formação das categorias se concretizou da forma prevista por Bardin (2010) e, após a seleção do material e a leitura flutuante, a exploração foi realizada através da codificação. A codificação se deu em função do tema abordado pelos atores pesquisados, que uma vez triangulada com os resultados observados, foram constituindo-se em unidades de registro, para então organizar a categorização progressiva.

3.1 O Projeto Mulheres de Corpo e Alga

O Projeto Mulheres de Corpo e Alga está localizado na comunidade de Barrinha, em Icapuí. A iniciativa foi desenvolvida pela Fundação Brasil Cidadão, através do Projeto De Olho na Água, em 2001, com o propósito de aliar boas práticas na extração de algas do litoral com tecnologia e capacitação, gerando uma transformação da qualidade de vida das pessoas que sobreviviam com a coleta predatória das algas.

Composto, atualmente, por um pequeno grupo de moradores da comunidade – 8, entre homens e mulheres, e tendo em seu portfólio diversos prêmios Brasil afora, dentre os quais se destacam o Prêmio de Tecnologias Sociais, da Fundação Banco do Brasil de Tecnologias Sociais e o Selo de Qualidade de Produto da Mata Atlântica concedido pela RBMA – Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, o projeto tornou-se referência nacional devido aos bons resultados que produziu, tanto numa perspectiva preservacionista, quanto na realidade das pessoas envolvidas.

Todo o processo de beneficiamento das algas é feito a partir de processos sustentáveis, desde o processo de alginocultura, que é feito a partir do cultivo de algas com cordas, em mar aberto, ao seu beneficiamento em terra. O resultado são xampus, sabonetes, alimentos etc.

Figura 1 – Processo de alginocultura: Projeto Mulheres de Corpo e Alga



Fonte: Projeto Mulheres de Corpo e Alga.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Buscando compreender a percepção das mulheres envolvidas no Projeto Mulheres de Corpo e Alga sobre a relação entre o cultivo sustentável das algas e o desenvolvimento local da comunidade pesqueira de Icapuí, foram realizadas entrevistas com moradores que compõem o projeto: duas algicultoras moradoras da comunidade, identificadas como E1 e E2, e com o presidente da associação de moradores que trabalha no projeto, identificado como P1. Devido às limitações decorrentes da pandemia de Covid-19, as conversas foram realizadas através da plataforma Google Meet.

A partir das falas dos atores entrevistados, foi possível constatar não apenas suas percepções sobre a relação entre o cultivo de algas e o desenvolvimento local, mas toda uma dinâmica emaranhada a partir de laços familiares e históricos que se entrelaçam, construindo um tecido organizacional muito peculiar. Portanto, uma vez contextualizada a intenção da pesquisa, embarquemos na navegação desse mar de experiências e descobertas.

4.1 Um mergulho na praia das Mulheres de Corpo e Alga

A partir da conversa com os moradores que trabalham no Projeto Mulheres de Corpo e Alga, foi explicado como funcionava o processo da alginocultura e como estavam sendo as suas experiências no projeto, desde a sua fundação.

Inicialmente foi possível observar que o processo da colheita das algas faz parte do próprio processo de construção de identidade da comunidade, uma vez que atravessa gerações, conforme se retira da fala dos entrevistados, uma vez que haviam sido apresentadas à colheita de algas ainda na infância:

“Eu, bem dizer, com 7 e 8 anos de idade, minha mãe já me levava pra catar algas. Já comecei pequeninha, já nas algas. Ai, depois que eu fiquei maior, que me casei, às vezes procurava outra atividade pra fazer, mas nunca consegui me tirar das algas.” (E2, em 19/05/21).

Esse processo de construção identitária é, sobretudo, caracterizado pelo espaço delimitado pelo território dentro de uma relação de apropriação concreta objetiva ou subjetiva. Segundo Haesbaert (1999, p. 172), “não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”. As algas, portanto, fazem parte da formação da própria personalidade das mulheres entrevistadas, bem como de suas famílias. É algo que faz parte do seu dia a dia, de suas realidades, antes mesmo do início do projeto que, por sua vez, é apresentado como uma iniciativa promovida pela Fundação Brasil Cidadã, voltada a oferecer capacitação aos moradores daquela comunidade de pescadores para que possam exercer novas práticas de cultivo e manejo das algas costeiras, comuns naquele litoral, e que, a partir do beneficiamento das algas, obtenham um aproveitamento econômico.

Tendo sido criado em 2001, o projeto é composto, em sua maioria, por mulheres da comunidade que já possuíam vivência na colheita de algas. O litoral da praia de Barrinha é caracterizado pela presença do banco de algas marinhas (Banco de Cajuais) e é considerado o 2º mais importante do Brasil. Durante muito tempo, a extração foi predatória e, como havia muitas algas na praia de barrinha, a sua colheita sempre foi uma fonte de renda para toda a comunidade, que a extraía facilmente do banco de algas e em grandes quantidades, conforme explica P1:

“Pra se ter uma ideia aqui na barrinha, com quinze em quinze dias saía de quinze a vinte toneladas de alga marinha aqui da nossa comunidade (...) caminhão lotado. Quinze a vinte toneladas. (...) Aqui chegou a época de o pessoal tirar de Lampião à noite.”

Por conta da extração predatória pela própria comunidade e por comunidades vizinhas, sem os devidos cuidados na manutenção das algas, houve uma drástica redução no banco de Cajuais. A forma como era feita a extração, antes da implementação do projeto, levou a um importante processo de dano ambiental ao berço nascedouro, pois, com a retirada *desorganizada* do *bugaial* das algas, que seria o “*broto*” de onde nascem outras algas, impedia-se que voltassem a crescer. O relato da E2 mostra bem a dinâmica ocorrida:

“[...] porque aqui é uma praia que todos catavam algas (...) desordamente (sic). As pessoas tiravam de todo jeito. Na alga tem um calcário que é conhecido, mas nós conhecíamos como bugaial, e essa alga, praticamente, elas estão agarradas a ela, nesse calcário, e as pessoas traziam com tudo, pra pesar mais pra vender (...) a gente sempre fala que veio a falência do banco, né, do banco de algas, porque aqui é conhecido como o segundo maior do Brasil, (...) o banco de cajuás, que é uma frente que tem toda aqui na região que é conhecido como banco de cajuás, que é onde tem o cultivo de algas.”

A partir das ações trazidas com o projeto, o processo de conscientização teve início na comunidade, notadamente sobre a necessidade de se buscar formas menos agressivas na colheita das algas. Essa conscientização decorreu, além da capacitação pela Fundação através de novas formas de algincultura, também em decorrência da escassez de algas no litoral, o que levou a comunidade a refletir sobre a necessidade de se preservar o banco de Cajuais para que pudessem continuar a explorá-lo. A E1 evidencia como esse processo ocorreu:

“Aí foi onde apareceu a Fundação, que perguntou se a gente não queria fazer os cultivos das algas pra ver se abastecia, que elas tinham desaparecido do banco. A gente fez vários testes, botou várias vezes de corda e não crescia as algas, e fomos tentando, tentando, botando várias cordas, de vários jeitos, até a que deu certo.”

A capacitação fornecida pelo projeto instruiu-lhes sobre novas práticas de manejo que possibilitavam a extração da alga sem, contudo, retirar-lhe o *bugaial*, viabilizando a continuidade do banco de Cajuais e, com isso, que as algas voltassem a aparecer com mais frequência e em maior quantidade. A ideia de atendimento das necessidades locais com preceitos de sustentabilidade e de conscientização ambiental, de modo que a manutenção do próprio banco de Cajuais estivesse diretamente relacionada à qualidade de vida dos moradores da comunidade, passou a ser compreendida como fator necessário para os próprios moradores, conforme E2:

“Se tem essa ideia de plantar alga, vai melhorar? Vai, vai contanto, que onde era o cultivo, era o berçário, berçário onde a lagosta vem desovar, o camarão desova, o peixe desova, então aquilo ali é um berçário. O cultivo de algas é um berçário e se essa APA que estão construindo agora, que vai ser nessa área, eu acho que vai beneficiar bastante o povo.”

Desse novo operacional, extrai-se ainda o modelo de um pensamento voltado à sustentabilidade, aqui entendida como uma sintonia harmônica entre a natureza e os seres humanos (Cavalcanti, 2003), em que se observa a possibilidade de unir o interesse econômico com o ambiental por meio da conscientização coletiva.

O novo operacional é algo frisado pelos entrevistados e se apresenta como elemento fundamental na construção de um novo processo de formação de consciência na comunidade, tanto nas novas técnicas, quanto no propósito dos envolvidos no projeto:

“É com a corda de 15 metros que a gente criou um cultivo lá no mar. A gente bota a corda de 15 m e nesses 15 m a gente bota uma mudinha, que dá, mais ou menos, um palmo, de uma pra outra, que dá umas 70 mudinhas numa corda, que a gente bota lá no mar pra crescer. E com 90 dias a gente vai cortar ela. A gente não arranca mais, como arrancava antes. A gente tem a preocupação de levar a tesoura e vai cortando, né, que é pra ficar sempre os pedacinhos na corda pra crescer novamente, porque se a gente tivesse feito isso antes, e deixado lá a mudinha, hoje o banco não estava tão escasso como tá hoje. A gente trazia tudo, trazia a nascente, aí o pouco que a gente tem tá tudo lá no cultivo, nas cordas que tem lá. Aí tem os pescadores que as vezes mergulham lá nos bancos e dizem que o banco tá voltando, né? Já tem várias mudinhas no banco. A gente tá esperando que elas cresçam e se reproduzam novamente como o banco era antes(...)” (E1).

Observa-se que esse novo modelo operacional não se resume a uma tecnologia, mas está presente nos processos e representa um impulso para novas possibilidades de organização de uma nova dinâmica social, acarretando, inclusive, novas formas de inovação, como a social (Neumeier, 2012). Com isso, as ações do projeto vão se ramificando em outras direções, ampliando e transformando a realidade da comunidade, principalmente das mulheres que trabalhavam – e que ainda trabalham – na linha de frente do processo de alginocultura, levando-as a aprenderem muito mais do que unicamente com o operacional através de capacitações e incentivo, conforme relato da E2:

“Acima de tudo o conhecimento que nós tivemos, pois, nós não, na linguagem, nós era grega, né? A gente não tinha conhecimento. [...] E, quando eu me engajei no projeto, o conhecimento foi muito valioso, porque a gente não teve conhecimento só das algas, para que ela servia, a gente teve outros conhecimentos. A gente começou a fazer várias capacitações, além da gente fazer sabonete, xampu, comida, né, eu não sabia fazer nem arroz, (...) mas tudo através de capacitações, hoje eu sei fazer muita coisa, graças a Deus, porque, mas tudo isso foi através do projeto.”

Toda a dinâmica socioeconômica observada com a implantação do projeto envolve vários sujeitos no processo de organização das atividades. Seguindo uma certa “tradição”, o contato com alga é um fator que perpassa gerações, sendo percebido como algo que deve ser ensinado e que

naturalmente é apreendido pelas meninas da comunidade, apesar dos homens participarem, mas em menor quantidade, e em trabalhos mais específicos, geralmente no mar, conforme expressa P1: “é (...) todos participam de cada processo, tanto os homens como a mulher, mas que essa parte do mar é mais os homens, porque se sabe que mulher tem dias que ela não pode ir pro mar (...)”

Nesse sentido, conforme Bignetti (2011), inovação social pode ser compreendida como o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral. Esse conjunto de fatores é decorrente ainda do forte caráter associativista da comunidade, que é reforçado pelo reconhecimento dos outros moradores, de sua importância, conforme fala de E1:

“Mas agora eles estão respeitando mais, a gente falava com a presidente da colônia, e sempre ela alertava que tinha isso lá no mar e não poderia mexer e agora eles estão respeitando mais.”

O alcance desse sentimento associativista não se resume unicamente aos contornos comunitários, mas abrange outras associações de produtores, o que torna possível maior visibilidade dos resultados do projeto, permitindo ampla conexão em rede que gera diversos benefícios:

“Associações que nós participamos que é GDTUR, que é uma associação direcionada ao turismo, nós somos engajadas, associação de marisqueiras, que é o pessoal que cata marisco, algas, búzios, essas coisas e também associação dos produtores rurais de Icapuí, que são todas as pessoas que trabalham com algum produto ou alguma coisa. E também criamos uma associação, há 3 anos, na UFRN, com o professor Dário, que é uma associação de macroalgas do Nordeste, acho que é assim, não sei, não lembro direito, mas é mais ou menos isso, com o professor Dário. Tem vários outros grupos que também participam, e todos os anos a gente se encontrava mas devido à pandemia a gente não tá” (E2).

Esse é um traço particular das culturas das comunidades tradicionais, pois guarda relação com a forma como os moradores produzem e dão significado às coisas, materiais e simbólicas, à sua existência, e que vem sendo ressignificada a partir de processos de construção de neocomunidades (Lifschitz, 2011), alteradas pelo efeito da sistemática neoliberalizante. A organização do projeto, de suas funções, coordenações e demais atividades seguem por conta dos próprios participantes, sob uma ótica econômica solidária que, segundo Singer (2008), firma-se num movimento que estimula a coletividade entre os membros mediante a prática da autogestão e se norteia pelo apoio entre os atores e comunidades.

A remuneração pelo trabalho com as algas, apesar de ser pequena, é considerada fator relevante para os participantes, diante do próprio histórico econômico e financeiro que as algas têm junto à comunidade, e o que representa para as mulheres algicultoras. Porém, a satisfação no processo de produção advém, também, de outros fatores evidenciados pelas entrevistadas, visto que demonstram de forma clara o quanto aprenderam com o processo, conforme relato da E1:

“Assim, eu vejo como nós somos um grupo, ali no momento que estamos trabalhando, eu, nós todas feliz e animada, então eu acho que tá todas muito satisfeito, né. Quando uma pessoa não está satisfeita com aquilo, aí a pessoa chega estressada, não quer fazer aquilo, mas quando eu chego no nosso trabalho, eu vejo todo mundo sorrir.”

A partir das qualificações e treinamentos, as mulheres aprenderam a transformar e aproveitar a matéria-prima da alga em produtos diversificados, que vão de alimentos a cosméticos. Esse aprendizado é visto como um motor que transformou suas realidades, tendo, inclusive, possibilitado que as mulheres desenvolvessem novas habilidades, conforme relata E2:

“A gente começou a fazer várias capacitações, além da gente fazer sabonete, xampu, comida, né, eu não sabia fazer nem arroz, (*risos), mas tudo através de capacitações, hoje eu sei fazer muita coisa, graças a Deus, porque, mas tudo isso foi através do projeto.”

Dada a visibilidade conferida ao projeto e ao sistema inovador que o diferenciava dos demais e, ao mesmo tempo, conferia-lhe um caráter mais ambientalmente correto, os integrantes do projeto, principalmente as mulheres da comunidade, tiveram a oportunidade de trocar experiências com outras comunidades, buscando agregar aos seus conhecimentos outras técnicas e métodos advindos das outras comunidades de pescadores que também trabalhavam com algas. Como a realidade costeira do Brasil diferencia-se por região, os métodos e técnicas de cultivo e manejo também variam de acordo com o tipo de alga. Assim, a troca de informações por meio de reuniões periódicas é considerada como um evento potencial de ligação entre saberes diferentes, conforme se retira da fala de E1:

“são 7 grupos, e a gente já teve a oportunidade de conhecer essas cidades e conhecer o trabalho deles que eles mostraram pra gente e a gente também, deles conhecerem nosso trabalho e a nossa comunidade, porque eles já vieram. É assim, é uma troca de experiência que a gente não tinha isso, e através do projeto a gente teve, e é muito rico pra gente ter esse conhecimento.” E P1: “Por exemplo o grupo lá de do Rio do Fogo do Rio Grande do Norte, onde eu tive final do ano agora, fazendo o curso da gaiola, eles têm lá um triturador. Esse triturador é onde pega as algas marinhas, seca e faz ela em pó. (...) E aí o harmonizamento fica melhor (...) lá tem uma durabilidade maior porque, se você guardar, ela seca num saco e pode criar mofo, (...) e eles disseram: Maurício, no dia que vocês quiserem, e tiverem uma produção lá, e quiserem triturar, é só combinar com a gente a gente vem aqui e tritura”.

A projeção alcançada com a transformação da alga em produtos comercializáveis, como cosméticos e alimentos, fez com que a ideia advinda com o projeto, inicialmente atrelada a uma produção ambientalmente correta, oportunizasse às mulheres experimentarem novas sensações, experiências e tivessem acesso a uma realidade que nunca foi imaginada por elas, conforme seus próprios relatos:

E as viagens, a gente frisa muito as viagens porque nós, como pessoas, seres humanos, na nossa situação, acredito que nós nunca teríamos feito essas viagens por nós mesmo, né, e através do projeto nós conseguimos viajar. Nós já fomos para Brasília, pro Rio, pra Curitiba, pra São Paulo, pra Natal, pra não sei pra onde, pra João Pessoa (...) então, assim, pra receber prêmio, pra apresentar o projeto, pra dar oficinas, nós não damos cursos, mas oficinas nós damos, e assim, sempre a gente tem um bom retorno, sempre tem um bom retorno, e isso mudou a nossa vida, completamente, né? (E2).

A liberdade é um dos fatores mais frisados pelas entrevistadas como um reflexo do projeto. Amartya Sen (2000) traz, em seu conceito de desenvolvimento, a liberdade como o principal de seus fundamentos.

Diante disso, além dos prêmios, as mulheres conquistaram uma compreensão sobre suas importâncias e de seus papéis, tanto na comunidade como na sociedade, despertando nelas uma reflexão sobre a importância desse projeto em suas vidas e como esse projeto alterou seus modos de vidas. A importância do projeto teve um alcance para além do ambiental, refletindo-se em um fator motivacional para dar continuidade às atividades desenvolvidas. Essa percepção, além de ter permitido que as mulheres contribuíssem com auxílio financeiro nas despesas da casa, ainda faziam-nas sentir desempenhando um papel tão importante quanto os dos homens, desmoronando um pensamento limitante da própria construção da identidade delas, conforme expressou E2:

“Mudou porque, assim, a gente sempre fala que mudou em todos os aspectos. Como? Tanto no pessoal, como nós mulheres, porque nós criamos a nossa independência, porque as pessoas falam que, antes os antigos (*risos), que mulher tinha que estar em casa, lavando, passando, cuidando,

não podia viajar, não pode isso, não pode aquilo, né? E o projeto mudou isso nas nossas vidas, porque quando nós começamos a viajar, porque o projeto é isso, a gente recebe os grupos, a gente teve as capacitações, mas também a gente teve, né, as nossas viagens, nós viajamos aí por todo canto (...).”

Porém, apesar de todas as mudanças benéficas verificadas com a implantação do projeto, sob a visão das mulheres, há ainda divergências sobre se o projeto é algo justo para toda a comunidade, haja vista que o acesso às algas do banco de Cajuais está restrito apenas às pessoas que trabalham no projeto, atualmente restrito a, aproximadamente, 10 famílias. Antigamente, o acesso era universal e quem quisesse podia ir ao banco de Cajuais. Porém, hoje, isso não é mais possível, e nem todos os moradores podem retirar as algas. O projeto, naturalmente, também encontrou barreiras e dificuldades para que viesse a se firmar de modo que refletisse a identidade da comunidade, caracterizada, cultural e historicamente, pela colheita de algas. Problemas como a demora em aferir renda com a atividade, o longo processo de aprendizagem dos novos métodos, a disputa pelo respeito ao espaço e à plantação de algas pelos pescadores, a falta de pessoas interessadas e a própria organização da divisão de tarefas podem ser vistas como adversidades encontradas na trajetória do projeto.

Assim, diante das falas das entrevistadas, é possível chegar a uma identificação dos principais elementos que representam o conteúdo narrado, revelando-se alguns elementos que compõem a tessitura de relações, emoções e experiências vivenciadas pelas mulheres que fazem parte do Projeto Mulheres de Corpo e Alga. A seguir são apresentados os resultados obtidos em função das informações levantadas por meio das entrevistas, por meio das categorias identificadas.

4.2 Discussão das categorias de análise

Visando responder ao problema e atender aos objetivos da pesquisa, realizou-se a análise de conteúdo temático categorial dos dados coletados. Referida técnica consiste no desmembramento do texto em categorias agrupadas analogicamente (Bardin, 2010), sendo uma alternativa eficiente quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

A partir da categorização temática das falas dos entrevistados, por meio da codificação de unidades de registro, efetuou-se a categorização progressiva dos temas trazidos pelos entrevistados. Vale ressaltar que inobstante as categorias descritas da próxima sessão estejam relacionadas à temática do estudo proposto, não servem como modelo para qualquer estudo, tendo em vista as particularidades inerentes a cada estudo.

4.2.1 Codificação inicial

Os códigos iniciais foram obtidos a partir das primeiras impressões acerca da realidade socioeconômica analisada do entrevistado. Resultaram do processo de codificação das entrevistas transcritas, um total de vinte e um códigos. Cada código constitui-se dos trechos selecionados da fala dos entrevistados e, também, conta com o respaldo do referencial teórico. Os códigos iniciais identificados foram: Aprendizados, Capacitação, Conflitos, Descobertas, Dificuldades, Divergências, Inovação Tecnológica, Laços Familiares, *Networking*, Operacional Pré-Projeto, Operacional Pós-Projeto, Oportunidades, Participação, Práticas Ambientais, Processos de Associação Comunitária, Processo de Conscientização Ambiental, Produto, Projeto, Renda e Satisfação.

Tais códigos foram concebidos diante do contexto teórico que a pesquisa se propôs, partindo do que a atividade representa, em termos socioeconômicos e organizacionais. Nesse sentido, referidos códigos podem ser relacionados com o desenvolvimento de um processo inicial de sustentabilidade em suas dimensões econômica, política, cultural, ambiental e social, a partir de como a inovação social se configura (Schröer, 2021; Novikova et al., 2020; Kronemberger, 2019; Bignetti,

2011; Cavalcanti, 2003). Assim, com o processo de agrupamento progressivo dos referidos códigos, obtiveram-se as categorias intermediárias, conforme se apresenta a seguir.

4.2.2 Categorias intermediárias

Os códigos iniciais foram criados em conformidade com os dados que os constituíram (entrevistas) e a partir de uma ótica de subjetividade do pesquisador ao conceder a identificação das categorias.

Após a apresentação e discussão dos códigos, emergiram sete categorias intermediárias. Tais categorias estão pautadas nas narrativas dos entrevistados e referencial teórico. A aglutinação dos códigos originou as categorias intermediárias: adversidades percebidas, organização coletiva, repercussões, processos de preservação ambiental, sistematização, aquisição de conhecimento e conquistas percebidas. O Quadro 1 ilustra o processo de formação da categoria intermediária:

Quadro 1 – Categorias Intermediárias

Categorias intermediárias	Conceito Norteador	Códigos
Adversidades percebidas	Evidencia os problemas e dificuldades para operacionalização das atividades	Conflitos Dificuldades Divergências
Organização coletiva	Características resultantes do processo de organização coletiva no projeto	Laços familiares Processos de associação comunitária <i>Networking</i>
Repercussões	Resultados evidenciados com a adoção da nova prática	Produto final Renda
Processos de preservação ambiental	Evidências de adoção de processos sustentáveis no operacional e coletivo	Práticas ambientais Processo de conscientização ambiental
Sistematização	Arranjo da organização coletiva a partir de todo o processo de estruturação do projeto e de seu funcionamento	Inovação tecnológica Operacional pré-projeto Operacional pós-projeto Participação Projeto Satisfação
Aquisição de conhecimento	Apontam para o processo de aprendizado e de aperfeiçoamento das técnicas	Aprendizados Capacitação
Conquistas percebidas	Direciona a um processo de conscientização sobre os efeitos do projeto	Descobertas Oportunidades Percepções sobre o papel da mulher

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria.

A seguir, é discutida cada categoria identificada no processo de análise realizada.

4.2.2.1 Adversidades percebidas

A categoria adversidades percebidas sinaliza o aspecto resiliente dos envolvidos no projeto, frente aos problemas e dificuldades enfrentadas pelos seus colaboradores para a manutenção das referidas atividades. O projeto, apesar de promover a dinamização da atividade econômica, tam-

bém é cenário de problemas decorrentes dessa organização e da implementação de novos processos dentro do contexto dessa dinâmica.

Como o estabelecimento do coletivo se apresenta como um conjunto de fatores que precisam estar relacionados – e conectados – para que funcionem, elementos como a confiança, a discussão, a construção de acordos e de regras de trabalho e as ações públicas e políticas devem estar presentes a fim de se possibilitar uma gestão eficiente à organização do trabalho (Mendes, 1996) e podem não se apresentar compreensíveis para os atores que estão afastados da lógica do capital.

Ademais, toda grande mudança causa impactos nas posturas das pessoas. Ao se abordar novas técnicas, mais sustentáveis, que impliquem na redução do alcance da esfera econômica dos demais pescadores, referida medida pode ocasionar mudanças no comportamento e na aceitação dessas novas posturas. Tal posicionamento local se insere numa sistemática em que a construção da ideia de sustentabilidade parte das relações entre o que se retira da natureza e as necessidades humanas e a compreensão dessa realidade a partir dos seus atores.

A relação entre as informações coletadas com o entrevistado e a categoria indicada evidencia os objetivos e a trama de interesses envolvidos na configuração dessa categoria de análise, pois no contexto descrito, há elementos que se relacionam com os problemas decorrentes da implementação do projeto junto à comunidade.

4.2.2.2 Organização coletiva e sistematização

A categoria organização coletiva se apresenta como as características que se apresentam na configuração estrutural do projeto, ou seja, quem o compõe, como ele funciona a partir da conexão com outros atores e como esse processo de organização comunitária se prescreve ante a realidade apresentada.

Sob essa ótica, observa-se a construção de um empreendimento que, apesar de buscar inserir-se dentro de um contexto atrelado à lógica do capital, apresenta-se a partir de uma configuração ligada aos princípios de uma economia solidária. Segundo Singer (2008), a economia solidária se apresenta como um movimento que estimula a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão, e se norteia pela solidariedade entre os atores e comunidades.

As características dessas novas formas de organização estão pontuadas em Laville (2009): cooperação, autogestão, sustentabilidade, solidariedade, democracia, desenvolvimento humano, responsabilidade social, participação e igualitarismo, presentes em toda as narrativas observadas. Ademais, a presença do fator familiar reforça a questão da formação identitária do processo organizacional e a construção de redes, por meio da intensa relação de contatos.

No que concerne à sistematização, tem-se que referida categoria apresenta os principais elementos que constituem a mudança do operacional percebida com a alginocultura local. Após a implementação de novas práticas operacionais, observam-se claramente indícios de inovação social, a partir de sua própria definição.

A inovação social nessa comunidade, como já informado, apresenta-se como novas oportunidades para que se alcance a melhoria da qualidade de vida e se estabeleçam novas relações entre os habitantes, possibilitado, inclusive, redes de *networking*. A inovação tecnológica e operacional, com novas técnicas de manejo e novos equipamentos para melhor aproveitamento das algas (secador), convoca a comunidade a se organizar sob esse processo, participando efetivamente e tomando como efeito satisfatório o que ganham com o processo como um todo.

4.2.2.3 Repercussões e processos de preservação ambiental

Na categoria Repercussões, tem-se a evidência do resultado efetivamente percebido com a adoção das novas práticas do processo operacional. Dentro da lógica organizacional, é representada pelo produto e seus resultados.

Os processos de preservação ambiental também podem ser alocados como uma forma de repercussão, vivenciados pelas práticas e a conscientização da questão ambiental, levando a uma consciência e promoção de desenvolvimento com bases sustentáveis.

Como visto, a alga trabalhada é beneficiada e transformada em cosméticos e alimentos, sendo o produto averiguado com o novo processo, e a renda é o resultado da comercialização desse processo.

As repercussões, contudo, ultrapassam a esfera econômica e produtiva. Elas se apresentam como toda uma questão que induz ao desenvolvimento sustentável local que, nas palavras de Barter e Russell (2012), não se refere apenas a salvar a natureza, mas à internalização de estratégias, agregando, assim, novos recursos para permitir o crescimento econômico e a prosperidade compartilhada por todos.

A repercussão, nesse sentido, vai além de um simples resultado, toma ares de adequação da realidade com o efeito desse resultado no contexto geral. Quanto aos processos de preservação ambiental, observa-se que em torno da ideia de preservação ambiental está a concepção de comunidade, em meio à constelação de fatores apontados que se relacionam com a ideia da sustentabilidade.

4.2.2.4 Aquisição de conhecimento e conquistas percebidas

As categorias apontadas se encontram dentro do contexto que ultrapassa o processo de organização propriamente dito, inserindo-se, pois, na esfera espiritual e psicológica das mulheres que fazem parte do projeto. Nesse sentido, percebe-se, a partir dos atores entrevistados, que a ação institucional buscou, para além de promover um processo de transformação na prática alginocultora, promover mudanças na esfera particular das mulheres e dos demais agentes envolvidos.

Denota-se, a partir daí, a promoção do processo de construção de participação social e cidadania, atrelada à concepção de desenvolvimento sustentável local, conforme observado a partir de outras categorias e das falas das entrevistadas.

4.2.3 Categorias Finais

As categoriais finais são formadas por três categorias denominadas: “Dinâmica socioeconômica”, “Experiência sustentável” e “Processos emancipatórios”, construídas a partir das categorias iniciais e intermediárias. Tais categorias foram construídas com intuito de respaldar as interpretações e inferir os resultados. As categorias finais representam a síntese do aparato das significações, identificadas no decorrer da análise dos dados do estudo, aliadas ao referencial teórico trazido para o contexto. O Quadro 2 explana a construção, a partir de seus conceitos, dessas categorias finais:

Quadro 2 – Categorias Finais

Categorias Finais	Conceito norteador	Categorias intermediárias
Dinâmica socioeconômica	A visualização de elementos do contexto socioeconômico advindos com o processo de organização	Adversidades percebidas Organização coletiva Repercussões
Experiência sustentável	A união de novos elementos dentro do processo de manejo da alginocultura e o processo de conscientização ambiental	Processos de preservação ambiental Sistematização
Processos emancipatórios	Fatores percebidos pelas trabalhadoras como aprendizagem que ultrapassa os limites do operacional prático	Aquisição de conhecimento Conquistas percebidas

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria.

Assim, conforme se retira do quadro acima, cada categoria intermediária formaliza-se dentro de um conceito que é compreendido a partir de uma categoria final que o abrange.

As categorias adversidades percebidas, organização coletiva e repercussões estão diretamente relacionadas com o processo de dinamização das atividades coletivas advindo com o projeto, caracterizando todo o arranjo das funções e o percurso processual vivenciado e experienciado na prática pelos envolvidos. As categorias processos de preservação ambiental e sistematização podem ser agrupadas numa categoria final em que há o evidente propósito transformador da sociedade e de seus espaços concebidos por meio de ações modificadoras da estrutura social, econômica, cultural e ambiental. E por fim, as categorias aquisição de conhecimento e conquistas percebidas refletem os ganhos na esfera particular de cada mulher envolvida no processo trazido com a implementação do projeto.

4.2.4 Síntese da progressão das categorias

Evidenciando de forma sistemática a construção progressiva das categorias de análise que emergiram através da coleta de dados, segue o quadro que sintetiza essa construção:

Quadro 3 – Síntese Progresso Categorias

Categorias Finais	Categorias Intermediárias	Códigos
Dinâmica socioeconômica	Adversidades percebidas	Conflitos
		Dificuldades
	Organização coletiva	Divergências
		Laços familiares
Repercussões	Processos de associação comunitária	
	Networking	
Experiência sustentável	Processos de preservação ambiental	Produto final
		Renda
	Sistematização	Práticas ambientais
		Processo de conscientização ambiental
		Inovação tecnológica
		Operacional pré-projeto
		Operacional pós-projeto
Processos emancipatórios	Aquisição de conhecimento	Participação
		Projeto
	Conquistas percebidas	Satisfação
Aprendizados		
		Capacitação
		Descobertas
		Oportunidades
		Percepções sobre o papel da mulher

Fonte: Dados da pesquisa, elaboração própria.

Diante da análise dos dados coletados a partir das entrevistas coletadas, identificou-se que o Projeto Mulheres de Corpo e Alga busca promover mudanças na esfera operacional da prática da alginocultora, porém, promove também mudanças estruturais na comunidade ao fomentar ações e medidas voltadas à preservação de elementos constitutivos essenciais para o desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto, a percepção das mulheres é de que as novas práticas implementadas com o projeto incentivaram uma nova postura da comunidade, que as levou a uma redescoberta de significados, valores e das suas funções na comunidade, não apenas como meros sujeitos passivos

(Natividade, 2009; Carrasco, 2003). Isso se percebe a partir das categorias apontadas, surgidas com os próprios conceitos firmados pelas entrevistadas.

É possível observar, portanto, que os processos de reajuste operacional se vinculam aos conceitos relacionados com o desenvolvimento sustentável, notadamente mediante à própria fala dos atores envolvidos que remetem a aspectos relacionados com a dimensão ambiental, dimensão cultural e institucional aos quais foram expostos e nos quais percebem-se suas transformações.

5 CONCLUSÕES

Esta pesquisa evidenciou, a partir de novos processos de produção, originais formas de organização social que, apesar de não estarem atreladas à concepção globalizada do capital, geram desenvolvimento local a partir de preceitos sustentáveis. Nesse sentido, revelou-se que a iniciativa implementada há quase duas décadas hoje colhe bons resultados, muito além da esfera financeira, apesar desta também fazer parte dos frutos colhidos. Sobressaiu-se todo um processo de transformação local, oriundo, inicialmente, das alterações técnicas e operacionais que foram implementadas, que promoveu mudanças significativas na vida daquelas pessoas, principalmente, as mulheres envolvidas com o projeto estudado, que passaram a se perceber como integrantes econômicas ativas dentro e fora da comunidade.

Dentre as percepções obtidas, a tomada de consciência das mulheres quanto ao seu papel na comunidade, na sociedade e na própria família apresentou-se como um fator de incentivo à promoção de suas liberdades, sendo este um dos pontos fortes verificados com a implementação das mudanças nos processos organizacionais da comunidade. Isso porque com a transformação dos hábitos e processos organizacionais gerou-se uma amplitude na compreensão do espaço de ação das mulheres, antigamente apenas coletadoras de algas, de modo que a vontade de manter o projeto e a ideia em constante renovação persistem ainda com dificuldades.

Assim, além de se captar a importância que referido projeto tem na vida dessas mulheres e da própria comunidade como um todo com a prática de manejo sustentável na alginocultura, foi possível extrair o interesse comunitário em recuperar o banco de algas que havia sido explorado até o seu limite, transformando a realidade local. A consciência ambiental e o processo motivacional de preservação são fatores particulares advindos dessa implementação que fomentam o desenvolvimento local, evidenciados nas posturas, comportamentos e fala dos entrevistados e que ganha destaque no processo histórico de construção de identidade local. Ou seja, as mudanças na própria comunidade vão além do aspecto econômico e produtivo, envolvendo questões como organização coletiva, preservação ambiental e processos emancipatórios, perfeitamente inseridos numa lógica baseada na sustentabilidade.

Nesse sentido, a introdução de novas práticas operacionais, tecnologias e técnicas de manejo é identificada como uma forma de inovação social, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e estabelecendo novas relações na comunidade. Isso é evidenciado nas categorias relacionadas à sistematização, inovação tecnológica e processos de preservação ambiental extraídas do material analisado. Logo, a contribuição da presente pesquisa não se dá unicamente na esfera teórica, embora reduza a lacuna acadêmica sobre a questão, mas também apresenta um suporte gerencial, uma vez que apresenta processos de gestão que fogem à lógica tradicional (*top-down*), e que se mostram versáteis e com grande aceitabilidade, tanto intra como inter-redes de *stakeholders*.

Quanto às limitações encontradas, a impossibilidade de acesso ao campo, devido às restrições sanitárias impostas pela Covid-19, bem como o reduzido número de participantes ativos no projeto, inviabilizaram a captação de um número maior de atores para serem entrevistados, bem como outros atores não envolvidos com o projeto, o que se apresenta como um fator importante a ser entendido, além da observação em campo das atividades por um maior período de tempo, o que atribuiria um caráter etnográfico à pesquisa.

Como sugestão para trabalhos futuros, aponta-se para um estudo em que haja a imersão em campo do pesquisador, evidenciando, além das dimensões abrangidas pelo desenvolvimento local, uma análise das políticas públicas que incentivam esses tipos de iniciativa, bem como um prospecto comparativo com outras comunidades alginocultoras, frente à crescente escassez de algas em decorrência de fatores ambientais e antropogênicos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, I; ABREU, A. **Dimensões e espaços da inovação social**. Finisterra, XLI, v. 81, p. 121-141, 2006.
- ANDREW, C.; KLEIN, J. L. Social Innovation: what is it and why is it important to understand it better. In: CRISES. Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales. **Cahiers du CRISES**. Québec, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARTER, N.; RUSSELL, S. Sustainable Development: 1987 to 2012 – Don't Be Naive, it's not about the Environment. In: AUSTRALASIAN CONFERENCE ON SOCIAL AND ENVIRONMENTAL ACCOUNTING RESEARCH (a-csear), 11., **Proceeding...** University of Wollongong, p. 1-18, 2012.
- BELL, M.; FIGUEIREDO, P. N. Innovation capability building and learning mechanisms in latecomer firms: recent empirical contributions and implications for research. **Canadian Journal of Development Studies/Revue Canadienne d'Études du Développement**, v. 33, n. 1, p. 14-40, 2012. <https://doi.org/10.1080/02255189.2012.677168>
- BELL, M.; PAVITT, K. Technological accumulation and industrial growth: contrast between developed and developing countries. **Industrial and Corporate Change**, v. 2, n. 1, p. 157-210, 1993. <https://doi.org/10.1093/icc/2.2.157>
- BELL, M., PAVITT, K. The development of technological capabilities. In: HAQUE; IRFAN et al. (Coord.). **Trade, technology and international competitiveness**. Washington: The World Bank. 1995.
- BETANHO, C., LOPES, G. R., LOPES, J. C. F. Agroecologia e economia popular solidária: alternativas para o desenvolvimento sustentável e emancipação feminina. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL FEMINISMO E AGROECOLOGIA - CIFA, 3., Recife. **Anais...** Recife: Associação Brasileira de Agroecologia. v. 15, n. 3, 2020.
- BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011. <https://doi.org/10.4013/1040>
- CAJAIBA-SANTANA, G. **Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework**. Technological Forecasting and Social Change, 2013.
- CÂMARA, S. F.; SILVA, F. R.; PINTO, F. R. Vulnerabilidade socioeconômica do litoral cearense: mapeamento das localidades atingidas pelo derramamento de óleo. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 62, p. 817-817, 2020. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2020v30n62p817>
- CASTELLS, M., CARDOSO, G. **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política; Conferência**. Belém: Imprensa Nacional. 2005.

- CARRASCO, C. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? [La sostenibilidad de la vida humana: ¿Un asunto de mujeres?]. In: NOBRE, M.; FARIA, N. (eds.). **A produção do viver: ensaios de economia feminista**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2003, p. 11-49.
- CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. **Gênero e meio ambiente**. 2. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- CAVALCANTI, C. Sustentabilidade da economia: paradigmas alternativos de realização econômica. In: **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CHESBROUGH, H. W. **Open Innovation: The New Imperative for creating and Profiting from Technology**. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 2003.
- COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, 1998. <https://www.jstor.org/stable/2780243>
- FRANCO, A. L. C. et al. Biodiesel de microalgas: avanços e desafios. **Química Nova**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 437-448, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0100-40422013000300015>.
- GUEDES DE CASTRO, A. C. E. S., COSTA, A. A. **Ética do cuidado, emancipação feminina e desenvolvimento sustentável: aproximações necessárias**. **Revista Paradigma**, v. 31, n. 1, p. 129-150, 2022.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. Ed. Atlas: São Paulo, 2022.
- GRANOVETTER, M. S. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985. <https://www.jstor.org/stable/2780199>
- GRILO, R.; MOREIRA, A. C. The social as the heart of social innovation and social entrepreneurship: An emerging area or an old crossroads? **International Journal of Innovation Studies**, v. 6, p. 53-66, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.ijis.2022.03.001>
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.
- HAESBAERT, R. Prefácio. In: RIBEIRO, M. T. F.; MILANI, C. R. S. (Orgs.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: Edufba, 2009. p. 11-18.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham, London: Duke University. 2016.
- HENRI-GROUXL, L. Contribuições da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART et al. (Org.) **Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.
- JALONEN, H. Complexity-informed interpretation of social innovation. **Public Money & Management**, v. 42, n. 5, p. 356-359, 2022. <https://doi.org/10.1080/09540962.2021.1981039>
- KRONEMBERGER, D. **Desenvolvimento local sustentável: uma abordagem prática**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Sociologia geral**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2019.

LAVILLE, J. L. Economia plural. In: CATTANI, A. D. et al. (Orgs). **Dicionário Internacional da outra economia**. Coimbra-São Paulo: Editora Almedina, 2009.

LEFF, E. Ecofeminismo: el **género** del ambiente. **Revista Polis**, n. 9, 2012.

LIFSCHITZ, J. A. **Comunidades tradicionais e neocomunidades**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

LISBOA, T. K., LUSA, M. G. Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: mulheres protagonistas no meio rural. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 3, p. 871-887, 2010.

LÖNNGREN, J., VAN POECK, K. Wicked problems: a mapping review of the literature. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 28, n. 6, p. 481-502, 2020. <https://doi.org/10.1080/13504509.2020.1859415>.

MEDEIROS, D. L. **Aproveitamento energético das microalgas: uma avaliação de ciclo de vida**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Industrial) – Universidade Federal, Salvador, BA, Brasil, 2012.

MENDES, A. M. B. Comportamento defensivo: uma estratégia para suportar o sofrimento no trabalho. **Revista de Psicologia**, v. 14, n.1, p. 27-32, 1996.

MICHEL, J. A. **Rethinking the oceans: Towards the Blue Economy**. St. Paul: Paragon House, 2016.

MONTEIRO, A. O que é a Inovação Social? Maleabilidade Conceitual e Implicações Práticas. **Dados**, v. 62, n. 2, p. 2-34, 2019. <https://doi.org/10.1590/001152582019187>.

MOORE, H. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**, Campinas, Unicamp, n. 14, p. 13-44, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635341>

MOULAERT, F., MACCALLUM, D., HILLIER, J. Social innovation: Intuition, precept, concept, theory and practice. **The international handbook on social innovation: Collective action, social learning and transdisciplinary research**, v. 13, p. 13-24, 2013.

MURRAY, R. S.; CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G. **The open book of social innovation**. Great Britain: NESTA, 2010.

NATIVIDADE, D. R. Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011>

NEUMEIER, S. Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? - Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. **Sociologia Ruralis**, v. 52, n. 1, p. 48-69, 2012. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>

NOVIKOVA, M., DE FÁTIMA FERREIRO, M., STRYJAKIEWICZ, T. Local Development Initiatives as Promoters of Social Innovation: Evidence from Two European Rural Regions. **Quaestiones Geographicae**, v. 39, n. 2, p. 43-53, 2020. <https://doi.org/10.2478/quageo-2020-0012>

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Rev. Amp. Petropolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, E. C.; HORTA, P. A.; AMANCIO, C. E.; SANT'ANNA, C. L. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da zona costeira e marinha, algas e angiospermas marinhas bênticas do litoral brasileiro**. 2002. Disponível em: http://rodadas.anp.gov.br/arquivos/Round8/sismica_R8/Bibliografia/MMA2002.PDF.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Produção da aquicultura no Brasil poderá crescer 104% até 2025, destaca levantamento da FAO**, 2016. Disponível em <https://nacoesunidas.org/producao-da-aquicultura-no-brasil-podera-crescer-104-ate2025-destaca-levantamento-da-fao/>. Acesso em: 15 abril 2023.

_____. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**, 2020. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 15 abril 2023.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ROLLIN, J.; VICENT, V. **Acteur set processus d'innovation sociale au Québec**. Québec: Université du Québec, 2007.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Organização: Paula Yone Stroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SCHATZKI, T. **The Site of The Social: A Philosophical Account of The Constitution of Social Life and Change**. Pennsylvania: Pennsylvania State University. 2002.

_____. **On Organizations as They Happen**. *Organization Studies*, v. 27, n.12, p. 1863-1873, 2006.

_____. **Social change in a material world**. New York: Routledge. 2019.

SCHRÖER, A. Social Innovation in Education and Social Service Organizations. Challenges, Actors, and Approaches to Foster Social Innovation. **Frontiers in Education**, v. 5, p. 1-8, 2020. <https://doi.org/10.3389/feduc.2020.555624>.

SEN. A. **Desenvolvimento com liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVER, J. J.; GRAY, N. J.; CAMPBELL, L. M.; FAIRBANKS, L. W.; GRUBY, R. L. Blue Economy and Competing Discourses in International Oceans Governance. **Journal of Environment & Development**, v. 24, n. 2, p. 135-160, 2015. <http://doi.org/10.1177/1070496515580797>.

SINGER, P. I. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

TIGRE, P. B. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia no Brasil**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

TIRUMALA, R. D.; TIWARI, P. Innovative financing mechanism for blue economy projects. **Marine Policy**, v. 139, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2020.104194>.

TORREÃO, N. A liderança feminina no desenvolvimento sustentável. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, n. 7, p. 101-121, 2007.

VIDOTI, E. C.; ROLLEMBERG, M. C. E. Algas: da economia nos ambientes aquáticos à biorremediação e a química analítica. **Química nova**, v. 27, n. 1, p. 139-145, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0100-40422004000100024>

ZOBOLI, E. L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 21-27, 2004. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342004000100003>